

Almirante Francisco Cordeiro Torres Alvim

(BARÃO DE IGUATEMÍ)

HENRIQUE BOITEUX
ALMIRANTE REF.

É no culto da memória dos beneméritos que se forma o coração de uma nacionalidade. Daí o nosso dever de lembrar aqueles que com honra e dignidade, em todos os campos apararam os golpes atirados à nossa Pátria. Entre eles está o que se chamou Francisco Cordeiro Torres e Alvim, que chegando a Almirante, galardoado com o título de Barão de Iguatemí, — me trás à vossa presença, para em delidos raios de luz projetados sobre sua personalidade, dizer o que fez em favor dela.

Seu destaque não se apoiou na sua ávita nobreza que vinha de reis que cingiram a coroa portuguesa, mas sim pela sua açacalada inteligência, inteireza de character perfeito, lealdade a toda a prova, conhecimentos profissionais completos, clareza de intuição, audácia de plano, firmeza de ação, bravura indômita sem alarde, tudo aliado a uma inflexa probidade, lhaneza de trato e bondade profunda. Essa personalidade, no dizer de um escritor — excedia das dimensões do quadro que o destino lhe traçara.

Nele havia o nobre orgulho do militar brioso incapaz de desistir da sua opinião, devesse, embora, cruzá-la contra a vontade do superior; sua consciência só admitia o justo e o honesto; daí, a grande consideração com que era tido pelo ínclito Almirante Tamandaré, o mais glorioso indigente da nossa Marinha e a concretisação

mais perfeita do patriotismo, que o apontava como paradigma e por onde se deviam aferir os membros da Corporação Naval.

Sejam estas incomptas palavras como um culto ao homem que desde jovem tomei para meu patrono ao abraçar a carreira militar, pois foi o primeiro a apontar-me o caminho para nela prosseguir.

Bem presente tenho em memória o seu porte varonil de semblante enérgico quando no antigo COLÉGIO NAVAL me apresentei em busca de matrícula. Apoiado sobre o frontal da mesa-secretária do então Capitão de Mar e Guerra Fortunato Forster Vidal, diretor daquele utilíssimo estabelecimento, que a curta visão, ou melhor a baralhada mental de políticos que na pasta da Marinha vi-nham iniciar a carreira, na sua ânsia de tudo reformarem sem medir o alcance e os funestos efeitos, extinguiu, começando, mesmo, por espírito de economia, pela supressão da sobremesa de bananas dadas aos alunos. Assim deu-se com os Arsenais, com os Distritos Navais e Escolas de Aprendizes.

Pois bem, ao ouvir pronunciar o nome do Capitão Tenente João Justino de Proença que na época exercia o cargo de Capitão dos Portos de Santa Catarina e de quem eu trouxera uma carta para o diretor do Colégio, voltou-se para mim com manifesta curiosidade e inquiriu-me: *Menino, você é Barriga-Verde? Sim, Senhor*, respondi-lhe, ignorando todavia com quem tratava, pois se achava à paisana.

Olhe! disse-me ele: — *Se vem para cá é para estudar, pois eu não admito que um catarinense faça figura triste na Marinha!*

Tão fundo me calaram no espírito aquelas palavras proferidas em tom incisivo, porem paternais, reveladoras, sem dúvida, de muito amor à sua terra natal, que tomando-as como a primeira ordem recebida em um Estabelecimento Militar, procurei cumprí-la à risca. E guiando-me por ela, perdoem-me o vitupério, não me arrependi, pois tive a ináudita ventura de, ao terminar o meu curso na Escola Naval, receber como recompensa uma espada de réca, em cujo guarda-punho estava gravada a seguinte inscrição — PRÊMIO BARÃO DE IGUATEMÍ.

Esse prêmio fora instituído pelo já Contra Almirante Forster Vidal, diretor da Escola, em memória daquele preclaro Oficial General.

Nascido a 4 de agosto de 1822, na antiga cidade do Desterro, era o segundo filho dos treze do Chefe de Esquadra Miguel de Souza Melo e Alvim, casado com D. Mauricia Elisia, natural de Santa Catarina. Seu pai, que desde Capitão Tenente, tantos serviços prestara àquela Província, portanto ao Brasil nos tempos coloniais, para mais se vincular à pátria adotiva, deixou essa brilhante progênie, continuadora de sua fecunda ação na Marinha e na administração pública.

Contando apenas 16 anos e sete meses, com os respectivos requisitos para a matrícula seguiu para o Rio de Janeiro, teve praça a 4 de março de 1839, na Escola de Marinha, onde logo conquistou reputação de bom estudante.

Promovido a Guarda-Marinha fez sua viagem de Instrução na fragata *Paraguassú*, passando depois a servir na *D. Amélia* e patacho *Patagônia*, do qual embarcou na fragata capitânea da Divisão que, sob o comando do Chefe de Divisão Theodoro De Beaurepaire, deveria ir a Nápoles a transportar a nossa futura imperatriz D. Tereza Cristina.

Nessa viagem muito aprendeu Alvim. De regresso, a todo o momento se punha à prova a competência dos nossos oficiais e marinheiros em cotejo com os da divisão napolitana que a acompanhava, composta da náu *Vesúvio* e fragatas *Isabel*, *Amélia* e *Parthenope*.

Para que se não tornasse enfadonha e monôtona a viagem, procuravam o Chefe Beaurepaire, o comandante e os oficiais da *Constituição*, por todos os meios, torná-la suportável à futura imperatriz sua estadia a bordo sem o conforto e os prazeres de seu palácio real. Era de ver, por isso, nos dias em que o mar permitia, depois de sinais feitos largarem de bordo da nossa capitânea escaleres para irem à da almiranta napolitana em busca do duque de Aquila, irmão da imperatriz, bem como do almirante para com ela jantar. Não só participavam destes ágapes; os demais comandantes também deles eram comensais e isso continuou até 3 de setembro, quando deram fundo no Rio de Janeiro.

Promovido a 2.^o Tenente, passou Alvim a embarcar na fragata *Dois de Julho* e depois na charrúa *Carioca*, capitânea da Estação Naval do Sul.

O ativo oficial não se satisfazia com a missão imposta à Marinha. Sua lucidez de espírito bem compreendia que em nosso país uma função muito mais alta estava reservada à sua força naval e não só a de fazer marinheiros. Compreendia ele, com grande descortino que era preciso despojá-la dos obsoletos e enferrujadas engrenagens que a entorpeciam, vindas e herdadas tradicionalmente pelos chefes oriundos da ex-metrópole, alheios e avessos a qualquer melhoramento. Já isso havia observado Lord Cochrane, recomendando que se quisessemos ter Marinha efetiva, deveríamos nos despojar dos preceitos luzitanos. A falta de compreensão dos governantes acerca do valor da Marinha, como fator principal da nossa existência, principalmente depois da luta que havíamos sustentado contra as Províncias Platinas e na qual no dia 8 de abril de 1827, nos inesquecíveis bancos de Santiago, fizemos escritor platino escrever: *La gloria maritima de la Republica no quedó sepultada com los restos de su esquadra em el banco funesto del monte Santiago*", tinha feito com que fosse o mais descurado possível.

Criada de súbito, de destroços de uma Marinha decrépita, para limpar os nossos mares das forças luzas, desenvolveu-se sem bases sólidas, cheia de defeitos e preceitos, à espera de uma reforma radical da qual não se pôde cuidar, por se ver desde logo empenhada em luta externa e a seguir em outra interna para abafar explosões originadas pelas paixões partidárias, causa até hoje de todos os nossos males.

Cheio de ardor, o jovem 2.º Tenente, desejoso de aprender, com o intuito de, quando em posição, aplicar remédio ao mal que sofria a nossa força naval, esperançoso, foi praticar na Marinha americana, onde embarcado na fragata *Congress*, da divisão do comodoro Thurner, de estação na costa do Brasil, seguiu para os Estados Unidos, onde permaneceu todo o ano de 1845, só regressando no seguinte.

O mais brilhante atestado do seu aproveitamento que poderia apresentar o nosso oficial era de que — *Honraria a própria Marinha Americana se nela quisesse servir.*

Valeu-lhe ser elogiado: Pela maneira briosa e digna de oficial de honra com que se portou durante aquela comissão, mostrando zelo, inteligência em seu desempenho. Com efeito, diz Eloy Pessoa:

“Alvim, filho de uma província que sempre deu bons marinheiros, era um exemplo que se oferecia à jovem oficialidade da Marinha Nacional. Os seus êmulos o admiravam, aqueles que não podiam fazê-lo, fizeram esforços vãos para lhe descobrir de longe os senões e defeitos. Desses últimos alguns se converteram à verdade, reconheceram a superioridade de quem tinha por natureza o destino; os outros, sotaventaram-se até dar à costa nos parcéis da reforma ou do esquecimento.

O Guarda-Marinha passou a 2.º Tenente e desde logo se tornou notavel no serviço de bordo. Os anais da Marinha não contam a perda de um navio, um desastre, uma comissão malograda sob sua direção. E, entretanto, poucos oficiais desde moço comandaram tantas vezes, em todos os postos, nem tiveram tantas incumbências difíceis e arriscadas, como as que foram confiadas ao ilustre catarinense.

Isto prova a realidade incontestavel de seus merecimentos do oficial de Marinha. Não era a proteção da fortuna nem um efeito do acaso que o distinguiu, porque acaso e fortuna de fatos positivos explicam-se por leis infalíveis e desde que há um insucesso a razão conclue que houve um desvio na observação dos preceitos.

Alvim sempre procedeu refletidamente em todos os atos de sua vida. Daí a felicidade que nunca o abandonou.

Nas coisas de mar, quer se tratasse de guerra, de viagens, de administração, de disciplina, em todos os casos recorria sempre ao seu admiravel bom senso e à fonte inexgotavel de seus conhecimentos profissionais. E portanto, as combinações que fazia conduziam-no logicamente ao acerto.

Cumprе confessar que mereceu constantemente a proteção do governo. Mas defina-se bem a palavra proteção. O governo deve-a, no interesse do serviço público, a todo o funcionário de merecimento e aptidão reconhecida pelo desempenho de comissões anteriores. Não é de conceito nas ocasiões difíceis pôr de parte o merecimento ainda vigoroso, para experimentar habilitações novas que terão a sua oportunidade de aproveitamento.

Em condições tais o protegido também protege o protetor, porque lhe salva a responsabilidade garantindo a execução irrepreensível das ordens recebidas.

Não é tão certo, como se acredita, que o tempo e a idade apurem os sentimentos da prudência e discernimento pelos quais nos devemos dirigir para satisfazer encargos sociais.

Quem na mocidade não revelou os dotes atribuídos à velhice experimentada não passará de mediocridade e depois de velho será um homem superior.

Na vida militar e na política, que é também uma vida de lutas, o general e o estadista pronunciam-se imediatamente.

Estão na história os nomes daqueles que, ainda na adolescência, venceram batalhas e governaram nações com tal perícia e acerto que supriram tudo quanto dariam longos anos de experiência.

E em mal dos velhos, como eu, diremos que os vícios da mocidade ele os aperfeiçoam com o tempo; o que não lhes acontece com aquelas virtudes que dependem do entendimento. Torres e Alvim revelou-se desde jovem, o que havia de ser.

Logo que se apresentou de regresso dos Estados Unidos, deram-lhe uma comissão afim de executar obras do Arsenal de Marinha, na Ilha das Cobras. Não estava porem, no seu temperamento tal função; chamava-o o mar. Pediu dispensa e obteve embarque na fragata *Constituição*, capitanea da Divisão do Sul, onde se tornou notavel o seu serviço.

Exigia cuidados o que se estava a passar no Sul, onde o ditador Rosas, qual aranha tenebrosa tecia paranhos sobre o Uruguai, Bolívia, o mesmo fazendo no Paraguai, para depois atirar-se sobre nós no propósito de nos arrebatrar as Missões. Este plano político que procuramos destruir pedindo a intervenção franco-inglesa, tivemos de fazê-la por nós mesmos, porque o interesse comercial e os recursos de que dispunham, fez ainda Rosas mais forte. A paga que nos deu o Paraguai pelo reconhecimento de sua independência e de termos mandado ilustrados oficiais nossos como Beaurepaire Rohan, Villagran Cabrita e Porto Carreiro, do Exército, e Caminada e Soares Pinto da Marinha, para levantar-lhe fortalezas e instruir o seu Exército e sua Marinha, nos custaria caro.

Forte o ditador de Buenos Aires com o fracasso da intervenção franco britânica, com a derrota do general Paz, de Corrientes e com a capitulação de Francia, do Paraguai, ordenou a invasão do Uruguai, que tínhamos, pelos tratados, o dever de defendê-lo.

Mais desafogado ficou o Brasil com o golpe que dera o inclito general Conde de Caxias no cordão umbelical da revolução que por dez anos agitava o Rio Grande do Sul, fazendo com que muitos de seus chefes, no seu ardor político, não passassem de titeres manejados dos bastidores de Palermo. Para cauterizar as feridas, houve patriota que deu a Caxias, escrita por suas próprias mãos, a receita com que havia de acalmar as dores e curar a cegueira dos farroupilhas. Foi um filho de Laguna, um cultíssimo oficial do nosso Exército, que como ministro da Guerra, sacrificando, embora, sua carreira política, deu ao seu prezado camarada e amigo para que a aplicasse em bem do Brasil, e muito concorreu para que no Rio Grande fosse desfeita a trama de Rosas que tinha para tecelão Frutuoso Ribeiro, o patriotismo do talvez mais rude dos farroupilhas, o general Canabarro, que publicamente e com toda a lealdade expôs aos olhos dos seus compatriotas. O ministro da guerra era então o brigadeiro Jeronimo Francisco Coelho.

Ia então ter Rosas a lição merecida e Torres e Alvim concorrer para ela.

Era de ver naquela época a pujança da nossa Marinha; tinha-se então em lembrança o preceito que nos havia deixado Thucidides e recordado na nossa primeira Constituinte pelo depois marquês de Cairú: *Queres o SENHORIO DA TERRA, BUSCA O PREDOMÍNIO DO MAR*, acrescido hoje do do *AR*. Prolóquio esse que até hoje não falhou.

No porto de Montevidéu entre 10 navios de guerra ingleses, montando 138 canhões e 1.310 tripulantes e outros tantos franceses, com 282 canhões e 2.230 homens de guarnição, além de 2 sardos, um americano e um português, apresentavamos as corvetas *Dois de Julho*, *Sete de Setembro*, *Bertioga*, *Euterpe*, *União*, brigue *Capibearibe*, transporte *Olinda* e patacho *Argos* e com a chegada do nosso almirante, mais a fragata *Constituição*, corvetas *D. Januária*, *D. Francisca*, *D. Afonso*, esta de vapor e vapores *Pedro II*, *Recife*, *D. Pedro*, *Imperador* e *Paraense* ou sejam 18 navios montando 2.297 praças e 171 canhões!

Coube a Caxias com 20.000 homens a invasão do Estado Oriental e com Urquiza, *com ele, sem ele e mesmo contra ele*, foram expulsas as tropas rosistas sob o comando de Oribe.

Restava livrar a Argentina de seu' algoz e do perturbador da paz sulamericana. Para isso o nosso Almirante, depois de dispor seus navios em proteção do Uruguai e de, apesar de ser inglês de nascimento, ter energicamente respondido aos almirantes inglês e francês, que haviam protestado contra o bloqueio do Rio da Prata, dizendo-lhe que cumpria ordem de seu Imperador e que não fazia outra coisa mais do que praticar o que eles haviam feito e mais que abriria fogo contra aquele que fosse em auxílio das forças de Oribe.

Tomando o *D. Afonso* a reboque a *D. Francisca* e tendo ao costado os vapores *D. Pedro* e *Pedro II* e a *União*, o *Recife* e o *Caliope*, prontos para combate, na manhã de 17 de dezembro, e depois de ter recebido a seu bordo 1.192 homens na 1.^a Brigada de infantaria, caminharam marinheiros e soldados para a imortalidade.

Para evitar mortandade na tropa de desembarque, que ia auxiliar Urquiza, ordenou o Almirante Grenfell que se recolhesse à coberta dos vapores em que se achavam, o que foi conseguido a contra gosto dos bravos soldados que a todo o custo queriam compartilhar com os camaradas de bordo da mesma glória. Só foi permitida a presença na tolda do comandante da Brigada, o coronel Francisco Felix Pereira Pinto, do major comandante de corpos, alguns oficiais do estado-maior e atiradores e bem assim dos coronéis argentinos Domingos Sarmiento, Bartolomeu Mitre e Venceslau Paunero.

Estava o Passo do Tonelero guarnecido por 16 peças em alta barranca a dominar toda a volta do rio e por 2.000 homens de infantaria. Ao meio dia estando os navios a meio tiro de fuzil daquele passo, começou a cair sobre eles uma chuva de projetis de todos os calibres. As incessantes saraivadas de balas ardentes, de metralha e de fuzilaria, respondiam os navios na sua vagarosa marcha com tal precisão, que cada tiro dado era uma peça inimiga desmontada. Tal perturbação causou nos defensores do passo o nutrido e certo fogo da divisão do glorioso mutilado que, logo se teve a certeza de que a vitória seria nossa. E, durante 80 minutos o fogo começou pelo *D. Afonso* e *D. Francisca* e terminado pelo *Caliope* continuou ininterrupto com extraordinário vigor pelos demais, pois marinheiros e soldados, entusiasmados pelo valor e serenidade de seus oficiais e comandantes, cada qual, com mais ardor, batia-se a peito descoberto, dando as maiores provas de valor e sangue frio.

O *Caliope*, o mais fraco em estrutura e armamento, porem, um dos mais fortes pelo espírito que o dirigia e animava, com ufânia seguia impávido as evoluções do capitânea. Alvim, seu comandante, cujo semblante risonho de satisfação, demonstrava uma calma admiravel e bravura sem igual, seguia, sem alardes o exemplo do seu chefe, que ao lado do seu capitão de bandeira, Jesuino Lamego Costa, como disse escritor argentino: "*Con toda la serenidad en los tambores del vapor con su amtejo en la mano, de gran uniforme, como se trataba de un dia de fiesta, afronta el peligro mientras Ilhovian las balas en su derredor*".

Disse a parte oficial ter sido o *Caliope*, que, por ocupar a cauda da linha, sofreu por isso o mais aturado fogo.

Para galardoá-lo foi Alvim condecorado com a comenda da Ordem do Cruzeiro e dez dias depois promovido a Capitão-Tenente graduado em atenção aos seus serviços. Certo, deveria ser a efetividade do posto e não a graduação. Era preciso não preterir aos que comodamente se deixaram ficar no Rio de Janeiro, que o foram contemplados. Nunca reclamou Alvim contra tal injustiça! Seu nobre orgulho de militar brioso, que nunca enfraquecia e sua altivez de carater, entendiam que não deviam fazer alegações de serviços de merecimento, julgava os homens pelo seu estalão. Os ministros passam, dizia ele, com o bem ou o mal que fizeram, mas a Nação tem um chefe que observa e aprecia os factos e com a necessária influência para promover a reparação das injustiças.

Foi condecorado com a medalha da campanha, e logo depois elogiado com outros oficiais entre eles, seu irmão o 2.º Tenente José Alvim, pelos relevantes serviços prestados na extinção de um grande incêndio no edificio das Obras Públicas.

Nomeado em 1852 comandante da barca *Berenice*, no Rio da Prata, tão perito conhecedor se tornou daquele estuário, que quer de dia, quer de noite, soprasse duro o pampeiro ou vergastasse dura suestada, estivesse nublada ou não a costa, pode-se dizer, conhecia sem marcações os canais e os alfaques. Tanta confiança tinha em si, que ofereceu-se ao governo para exercer as funções de práctico daquelle estuário a bordo do seu navio o que foi aceito, com a responsabilidade de qualquer acontecimento, independente das obrigações de comandante.

Capitão Tenente efetivo em 2 de dezembro de 1854, seguindo na divisão mandada ao Paraguai sob o comando do chefe Ferreira de Oliveira. De regresso teve o comando da *Imperial Marinheiro*, o primeiro deste nome. No comando deste navio alisou os mares desde as Falklands até Montevidéu.

Conta-se como uma de suas façanhas, ao entrar no porto de Montevidéu, tangido por um pampeiro, avistar a fragata *Congress*, onde havia feito aprendizagem, o que acabava de chegar, tendo ainda o pessoal às vergas a ferrar o pano, ordenar Alvim ao gageiro-grande do seu navio, que se pusesse ao lais de sua verga para apertar a mão do seu camarada do navio americano. Tão seguro estava de sua manobra e do seu golpe de vista que realizou o seu intento, quase que se tocando os laizes das vergas de ambos os navios, dos quais um *urrah* unisono se levantou por tão ousada façanha.

Promovido a Capitão de Fragata, saiu em 1857 em viagem de instrução com uma turma de Guardas-Marinhas. Em Lisboa recebeu a visita do rei D. Fernando e de sua côrte e depois em Cadix, Gibraltar, Toulon, Genova, Napolis, Palermo e Argel, seguiu para Plymouth e Portsmouth, merecendo recepções condignas que soube retribuí-las com alta elegância e fidalguia.

Dalí partiu para Cherburgo, em cujo porto festejou a 2 de dezembro a data natalícia do então nosso Imperador com um suntuoso baile dado no salão de honra da Mairie Local, isto é, no Paço Municipal da cidade, ao qual compareceram altas autoridades e a alta aristocracia não só da cidade como dos subúrbios, bem como os oficiais da esquadra russa que se achava no porto. O Almirante Tamandaré que achava em Paris veio especialmente para tomar parte na festa.

Como verdadeiro profissional que era, tinha Alvim a perfeita intuição de que os segredos da carreira que com tanto amor abraçara e que é a mais especial de todas e que por isso precisa ser aprendida desde a infância com dedicação da vida inteira, ele os transmitia com entusiasmo aos futuros oficiais que sob sua áustera, porem, bondosa autoridade fizeram a viagem regulamentar. O brilhantismo com que desempenhou essa comissão e o relatório que apresentou o qual foi mandado publicar em avulso, porque continha esclarecimentos de incontestável utilidade para os seus compa-

nheiros de profissão, valeu-lhe o louvor pela briosa e digna conduta civil e militar de que deu excelente prova.

Já chamava ele a atenção dos nossos governantes para as vantagens dessas viagens, afim de esclarecer os povos europeus dos enganos e ignorância em que se achavam do nosso desenvolvimento social; pois, nos julgavam bárbaros e incultos.

É que certamente aprendiam no *Dicionário de História e Geografia de Gregoire*, o que transcrevo: Brasil, capital Chili. Pays de nègres et de sauvages et de la fièvre jaune. Empereur c'est D. Pedro II".

A ligação da Europa ao Brasil por meio de um cabo submarino, veio exigir de nossa Marinha o importantíssimo e penoso serviço de proceder a sondagem do Atlântico e do mar das Antilhas, nas costas da Venezuela. Para a execução desta árdua missão a batometria ainda era rudimentar. Coube a Alvim executá-la.

No comando da corveta *Beberibe*, nomeado em julho de 1861, desempenhando-a com brilhantismo pouco comum, começando-a do Cabo de S. Roque às Ilhas do Cabo-Verde.

Foi esta comissão uma verdadeira exploração científica, demonstrando no substancioso *Relatório* que apresentou, pois Alvim, que herdara a modéstia de seu ilustre pai e só revelava o que sabia quando o dever e as circunstâncias o exigiam, nos trabalhos apresentados à Secretaria de Marinha, demonstrou que os seus estudos profissionais eram de uma esfera muito superior, abrangendo toda a variedade de conhecimentos exigidos do moderno oficial de marinha.

Pelo satisfatório desempenho dado a este importantíssimo trabalho, que digamos, pode-se afirmar desconhecido totalmente pela Marinha atual, como na história da implantação do telégrafo entre nós, foi Alvim louvado em fevereiro de 1862, já então promovido a Capitão de Mar e Guerra, por decreto de 2 de dezembro de 1861.

Havia saído em agosto com destino a Nova York, com escalas pelo Recife, apanhando na travessia um *typhon* chegando a 9 de setembro. Naquele porto se achava o nosso ministro Lisboa à espera do príncipe de Joinville acompanhado pelo seu filho o duque de Penthèvre e seus sobrinhos o conde de Paris e o duque de Chartres, os quais do paquete *Africa*, desembarcaram em um escaler da cortá. Ofereceu-lhes Alvim a bordo no dia seguinte um almoço.

No dia 15 seguiu Alvim para Washington, onde se foi entender com o diretor do Observatório Astronômico, James Gels, substituto de Maury a quem tanto a oceanografia e que por ter aderido à causa do Sul na guerra da Secessão havia abandonado o seu posto, aquele mesmo cientista que, por falta ou desídia nossa, de não lhe termos enviado em tempo os elementos por ele pedidos para os estudos das corrente e ventos em nossas costas, tivera a dureza de dizer em documento público que — *Pouco se poderia esperar de um povo que possuía o pão e o leite vegetais.* (Naturalmente se referia à mandioca ou à fruta Pão e ao leite de massaranduba).

Nos entendimentos que teve com o diretor daquele Estabelecimento e com os empregados do *Geodetic Coast Service Survey*, convenceu-se de que os prumos de Brooks não serviam para com eles obter prumadas pela necessidade de serem feitas em escaleres e serem de forma esférica. Veio-lhe então à idéia a modificação do sistema de desligamento dos que foram usados na sondagem entre a Irlanda e a Terra Nova. Com muita dificuldade encontrou em Nova York quem de tal serviço se encarregasse, devido à luta entre o Norte e o Sul.

No dia 9 de novembro prontos os 50 prumos e 6.500 braças de sondareza, colocadas nas máquinas de suspender, rumou para S. Vicente, navegando quase todo o tempo à vela, onde chegou a 7 de dezembro. Depois de ter pesquisado uns bancos de areia assinalados nas cartas de entre as latitudes $10^{\circ}-05'N$ e $10^{\circ} 01'N$ e long.: $27^{\circ}-35$ e $27^{\circ}-32'OGren.$, sem encontrá-los prumando em 2.900 braças, atribuindo o seu desaparecimento a fenômenos sísmicos comuns àquelas paragens, prosseguiu rumo para os Penedos de S. Pedro, onde a 4 de janeiro, enquanto um escaler rondava ao redor, Alvim, em outro acompanhado pelo 1.º Tenente Pinheiro, encontrando pelo lado de NW uma pequena aberta nela penetraram e com dificuldade no rochedo subiram. Com o emprego do sextante determinaram a posição da ilha, achando para coordenadas; $0^{\circ}-55^{\circ}-40''N$ e $29^{\circ}-22'-41''WGr.$, enquanto as determinadas a bordo deram: $0^{\circ}-55'-40''$ e $29^{\circ}-22'-47'' WGr.$ Variação mag. $12^{\circ}-33 N$. Depois seguiu para Recife donde partiu para o Rio de Janeiro.

Fazendo parte da Divisão Naval em Montevidéu, comandada pelo Chefe de Divisão Jesuino Lamego da Costa, o mesmo que havia



Almirante Francisco Cordeiro Torres e Alvim
Barão de Iguatemi

sido apresentado pelo partido conservador a disputar uma cadeira de deputado à Câmara pela sua província natal, em concorrência com o major de engenheiros João de Souza Melo e Alvim, que era feito pelo Partido Liberal, não serviu este fato para quebrar a amizade entre ambos. Diga-se que mais tarde, ambos apresentados para concorrerem à uma vaga no Senado, declarou João Alvim retirar sua candidatura para não hostilizar a de quem tantos serviços havia prestado à Pátria. Belo exemplo moral que serve de fogo a muita gente. Eram militares que não cometiam crimes de lesa-pátria entregando-se ao personalismo político partidário, deixando de concentrar seus pensamentos individuais nos altos interesses pátrios.

Com a ida de Lamego Costa a tomar assento no Senado, ficou Torres e Alvim no comando da divisão, içando seu pavilhão na *Imperial Marinheiro*.

De volta ao Rio de Janeiro foi nomeado para fazer parte da comissão encarregada de apresentar modificações que à arte naval decorreram dos combates travados entre as forças federais e confederadas dos Estados Unidos, onde os seus conhecimentos, pela leitura dos fatos, aliados ao seu talento, muito elucidaram assuntos debatidos. Nomeado, e com prazer aceitou, o comando da Divisão Naval na Baía, para onde seguiu. De regresso foi nomeado membro do Conselho Naval, donde novamente seguiu para a Baía.

O conceito em que era tido pelas provas deixadas no Conselho Naval e em tal conta era tida a sua opinião, que por aviso de 3 de dezembro foi nomeado, por imediata resolução imperial, tomada em consulta do Conselho de Estado de 6 de outubro para fazer parte do dito Conselho na sessão que tinha de dar parecer sobre o requerimento em que vários oficiais da Armada pediam para serem remunerados nos termos da resolução da Assembléa Legislativa de 15 de outubro de 1836 pelos serviços relevantes que prestaram na províncias do Pará e Rio Grande do Sul, lei essa que prejudicava os *comodistas* de todos os tempos. Dado o parecer regressou à Baía.

Lá no Sul estava parte de nossa esquadra a pelejar pela honra nacional sob o comando da alta visão do grande marinheiro cuja fé de ofício é o espelho imaculado de toda a história das nossas glórias navais, a do marquês de Tamandaré, em cujo brasão não somente

floresciam as rutilações de uma ilustre espada cheia de vitórias, mas também o inexcedível patriotismo de um grande e virtuoso cidadão.

Havia ele cometido um erro tático, é verdade, em tomar Paissandú, confiado unicamente em seus canhões, uma praça fortificada, empregando com menor número de atacantes do que os defensores. A demora do nosso exército, por falta dos elementos pedidos e as exigências da burocracia, a isso o obrigou. Com a posse da praça, abriu ele caminho para que pudessemos escrever a epopéia que se seguiu, dando ao Brasil a glória de ter aberto ao mundo a navegação do Paraguai. Não era atacando Montevideú, como queriam os políticos arvorados em estrategistas que se impediria o socorro às tropas de Aguirre pelos entre-rianos, corrientinos e pelos paraguaios, que Tamandaré podia dar-nos uma base de operações no estuário do Prata. Se em Paissandú, teve de ameaçar do uso de seus canhões para repelir as intimações de ingleses, franceses, italianos e espanhóis que se opunham ao bombardeio, dizendo que tinha canhões para terra e para quem ousasse opor-se ao seu desígnio, maiores troços encontraria em Montevideú, até sua libertação.

A visão de Tamandaré salvou a nossa honra.

Tamandaré, procedendo como fez, substituiu por um pé artificial o natural que tivemos no estuário do Prata que devido aos fatores tão claramente, como nenhum outro, o ilustrado Coronel Souza Doca, pelo *Jornal do Comércio*, tem mostrado como deixamos gangrenar e amputá-lo. Já que havíamos perdido o olho mais vigilante que a natureza nos havia dado para vigiarmos as fronteiras do Oeste, que era a Colônia do Sacramento, que importava ao interesse dos políticos a perda de um pé?!

A Marinha já havia aberto o caminho dando ao mundo um ináudito exemplo do seu valor destruindo em Riachuelo a esquadra paraguaia, pondo em alarme as tropas invasoras.

Isto fez com que Alvim pedisse um favor, qual o de compartilhar com seus companheiros de seus futuros triunfos.

Reunido à esquadra, teve ordem de Tamandaré o vencedor de Riachuelo de vir fundear mais abaixo, em vista da obstinação do inimigo em bloquear a esquadra. Havia ele fortificado com 36 canhões, apoiados em 2.000 homens o passo de Mercedes, estreito e correntoso canal entre as barrancas e que pela existência de um

banco, obrigava os navios a se encostarem à margem esquerda. Ao sinal do chefe, a 3.^a Divisão, ao mando de Alvim, composta de *Ivahy*, *Itajahy* e *Beberibe*, em cujo navio se achava, seguiram. Ao enfrentar a esquadra o formidável baluarte inimigo, recebeu à queima roupa as lavas daquele vulcão, além do fogo de dez estativas de foguetes à Congrève e de toda a fusilaria, disposta de tal modo que os navios a recebiam pela proa, pelo costado e pela popa. Respondiam eles com toda a galhardia àquelas descargas sucessivas. Ao enfrentar a *Beberibe* as baterias, uma bala rompendo-lhe o gualdrope do leme fê-la desgovernar e atravessar a correnteza. Nesse transe do qual se aproveitou o inimigo, fazendo convergir sobre ela o fogo de seus canhões, não se perturbou o chefe Alvim. Com aquela clareza de intuição e firmeza de ação confiando na sua força hércula, auxiliado pelo então 1.^o Tenente Forster Vidal e por alguns marinheiros, agarrou o gualdrope partido, e sustendo-o, conseguiu meter a rumo o navio e continuar imperturbável o combate.

Com aquele lampejo de clarevidência, evitou Alvim que os navios seus matalotes de ré viessem se esbarrar sobre ele, trazendo resultados os mais funestos. Com seus canhões desmontados ficou desmoralizada a fortificação.

Mais abaixo e mais formidável havia uma outra, qual a de Cuevas com 40 peças de todos os calibres e protegidos por 3.000 homens. Reparadas as nossas avarias, com o mesmo sucesso foi ela transposta. O *Amazonas* recebeu mais de 40 balas, a *Ypiranga* mais de 30 e a *Beberibe*, a que mais sofreu, pois além de mais de 30 balas recebidas, teve o maior número de mortos e feridos. Na *Ypiranga*, seu comandante, que se achava atacado de tifo, seu pundonor militar, fá-lo levantar-se de sua cama, apesar dos protestos de todos os oficiais; faz-se levar em uma cadeira para o passadiço e nela sentado dirige o combate, caindo-lhe ao derredor mortos o aspirante Nascimento e diversos marinheiros. Feita a passagem, é levado logo depois ao hospital onde pouco depois falece. Santa Catarina orgulha-se de tal filho. Alvaro Augusto de Carvalho, irmão do afamado construtor naval Trajano de Carvalho!

Limpo por nós o território argentino das tropas paraguaias, para deixarmos por quatro anos parte de Mato Grosso em poder deles, seguiu a esquadra para Corrientes, onde entrou Alvim a dar pa-

tes provas do seu valor e atividade. No comando de uma divisão de navios de madeira foi até Três Bocas, na costa paraguaia, abandonando o inimigo a posição à sua aproximação. Regressou no mesmo dia.

Havia chegado o Almirante Tamandaré a Corrientes a 21 de fevereiro de 1866. A história fará justiça ao grande patriota que foi o Almirante Tamandaré, a quem coube, pela sua inteligência, capacidade e infatigável energia e patriotismo aplainar o caminho político em meio totalmente infenso e suspicaz e planejar com sua genial visão a vitória do seu amado país.

Para honra e glória de sua Pátria, que lhe importavam as amargas sátiras que a nossa imprensa encabeçada pela Argentina lhe desferissem acerbas críticas por ter deferido a Barroso, em quem confiava tanto como em si próprio, a ação de enfrentar a esquadra inimiga, em vez de deixar a alta missão de que se achava investido de diretor da guerra!

Ele se em Buenos Aires se não deixasse ficar, não teria no malhado tratado da tríplice aliança, subtraído a nossa esquadra do mando direto de Mitre e mais tarde não poderia dizer: "Seria um absurdo e uma indignidade monstruosa sujeitar nossas forças de uma maneira tão completa a um general estrangeiro que não podem deve dispor do sangue brasileiro e de nossos recursos, a seu arbítrio". Era esse o ponto sensível da árdua crítica.

Não descansava Alvim em sua constante atividade; reconhecimentos, levantamentos de plantas hidrográficas no Paraná, sem auxílio de práticos, lutas contra chatas, desencalhe de navios, suportando privações, sob a ação de um clima inóspito, de vigílias contínuas, foi o primeiro a bombardear a terra paraguaia, tudo isso até que Tamandaré triunfasse no seu ponto de vista sobre o general Mitre quanto à invasão do território inimigo. Dizia o nosso Almirante com aquela altiva e serena consciência ditada pelo patriotismo; "A nossa posição é a mais brilhante que se poderia desejar. Temos nas portas do inimigo um numeroso exército que deve ser em breve aumentado com 10.000 homens, conforme V. Ex. me assegura e uma forte esquadra, moralizada por triunfos sucessivos e entusiasmados, que — sós — poderão abater o orgulho do inimigo e mostrar aos nossos aliados o poder do Império.

Devem estes grandes elementos de força serem suplantados pelos relativamente inferiores dos aliados e representar papel secundário? Não há um só brasileiro que pense em tolerar semelhante coisa, que infelizmente pode realizar-se, se não tomar o governo imperial desde já a resolução de expedir as instruções que solicito.

Conhecendo quanto o governo imperial se empenha em sustentar a honra e o brio da nação não hesitarei, em caso extremo, em tomar a responsabilidade de chamar o general Osorio para meu lado, afim de proseguirmos na guerra nacional que sustentamos, porque nos acompanhará todo o povo brasileiro". Tamandaré via claro!

No canhoneio de 28, depois do dia anterior, no *Baía*, depois de Alvim andar a batalhar contra as chatas, recebendo seu navio 39 balas e o *Barroso*, 20, fazendo-se uma delas em estilhaços, feriu-o bem como ao 1.º Tenente Forster Vidal e o 2.º Tenente Saturnino de Carvalho. Não abandonou Alvim o seu posto. Havia limpo a margem do Paraná de chatas. Havendo encalhado o encouraçado *Brasil*, tomou a si Alvim o desencalhe, o que realizou depois de doze horas de exaustivo trabalho. Ainda naquele trabalho valeu-lhe sua força muscular, não deixando que o navio atravessasse a correnteza do rio.

Coube-lhe a escolha do local onde se deveria dar o desembarque do exército aliado. Subiu no comando de uma divisão o rio Paraná e depois novamente em serviço de reconhecimento. Depois o de proteger as tropas que se apossaram da Ilha da Redenção.

Havia Tamandaré vencido das resistências que lhe opunha o general Mitre. Ia, por fim, empreender uma operação militar da mais alta envergadura e que seria mais um triunfo para a nossa Marinha, a maneira pela qual foi realizada, incomparável por outras dirigidas por mestres consumados na arte de guerra, pois, onde ela teve lugar, pela presteza e precisão com que foi feita, longe de todos os recursos, serve de exemplo, constituindo um dos mais completos triunfos do nosso Almirante que teve em Alvim e no Tenente-coronel de engenheiros Carlos de Carvalho os mais preciosos colaboradores. Esse feito tem ficado até hoje sem a evidência que merece.

Havia afirmado Tamandaré que faria o transporte do Exército sem a perda de um único homem. Que com os seus recursos poderia,

transportar de um só golpe de 8 a 10.000 homens e que a passagem do Exército que já era então de 40.000 poderia ser efetuada em um só dia.

A direção do embarque foi confiada a Alvim e ninguém como ele que em doze transportes, no maior silêncio, ordem e método foram embarcadas a 1.^a e 3.^a Divisões do nosso Exército com oito bocas de fogo ao mando do general Osorio.

Coube depois a Alvim subir novamente o Paraná, navegando durante seis dias para conduzir as tropas do general Barão de Porto Alegre para o Passo da Pátria pondo alí 1.750 homens e mais 7.500 em seguida, merecendo brilhante elogio daquele bravo general. A respeito do modo pelo qual Alvim se desempenhou daquela comissão, disse um oficial do 2.^o Corpo: "No trajeto de Loreto até aquí, foi uma verdadeira festa; graças à gentileza e amabilidade do chefe Alvim, o oficial da nossa Armada que mais confiança inspira ao Exército pela inteligência, perícia, zelo e bravura de que tantas provas há dado. Sem práticos, sem água suficiente, por lugares desconhecidos, soube esse intrépido marinheiro conduzir a divisão de seu comando até o ponto em que recebeu 7.500 homens que hoje atraem a atenção de todos pela saúde, moralidade e disciplina que revelam".

Adotado o plano de Tamandaré para que se saísse da inação do comandante em chefe das forças aliadas, depois da gloriosa batalha de Tuiuti, foi tomada a fortaleza de Curuzú e não o foi a de Curupaití, porque a vaidade e o orgulho, aliados aos interesses pessoais e políticos e de dar prestígio à sua nacionalidade em desfavor da nossa, fez falhar o plano já sabido por Lopez, desde a célebre conferência com o ditado paraguaio como afirmam oficiais que foram do seu estado maior.

O transporte das tropas para o ataque a Curuzú havia sido feito por Alvim, que foi elogiado. Sempre com bom humor, porem no seu orgulho de militar entendia ele que de mais valia o serviço no qual fazia praça o canhão do que o dele — o de *bagageiro*.

Vencera a mesquinha política que subordinava às conveniências partidárias o interesse nacional, fazendo arredar da esquadra o valente marinheiro que era um escudo de nossa nacionalidade não consentindo nela mossas.

Veio Caxias com poderes mais amplos, porem, ainda com péas políticas que de muito pedia Tamandaré para que fossem cortadas e que não foram atendidas.

Mais tarde a Correspondência de Caxias com Paranaguá, ministro da guerra que se lê no precioso trabalho do culto general Tasso Fragoso a *Guerra da Tríplíce Aliança*, e do que escreveu o erúdito general Bormann, muito servem de apoio a Tamandaré. Evidenciam o patriotismo do velho marinheiro.

Iniciada foi a nova campanha.

Passou Alvim a comandar a 1.^a Divisão da esquadra, arvorando seu pavilhão no encouraçado *Silvado*, começando desde então o martelamento sobre Curupaití. Foi em um deles que Alvim recebeu em seus braços morto o nosso reputado hidrografo Vital de Oliveira seu capitão de bandeira.

Promovida a chefe de Divisão por decreto de 21 de janeiro, só mais tarde teve conhecimento de tal galardão. Mereceu justos elogios pelos bombardeios que executou em março e maio, sustentando com toda a galhardia o nome brasileiro.

Com a retirada do general Mitre, que ao despedir-se da pouca tropa que deixava não se dignou de fazer a menor alusão aos nossos soldados que por tanto tempo comandara, pôs-se logo Caxias na ofensiva. Acabou-se desde então a inércia. Já no dia 15 de agosto escrevia nova e empolgante página, tal a passagem de Curupaití, considerada pela imprensa favoravel a Mitre de somenos importância. Por este fato foi Alvim elogiado. O seu navio recebeu 37 balas.

Para que nossos navios não ficassem bloqueados entre Humaitá e Curupaití, lembrou Alvim a construção de uma via férrea de 6 milhas de extenção. A esta estrada de ferro estão ligados três nomes de catarinenses; o de Alvim que a lembrou, a de Marques Guimarães que a construiu e o de Lamego Costa, que como inspetor do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro fez, em três dias, serrar e embarcar 5.000 dormentes como fez que em quatro meses e vinte e três dias fossem construidos monitores que transpuseram Humaitá, como haviam sido construidos os encouraçados *Tamandaré* e *Barroso*.

Resolvida de acordo com Caxias, que já havia dado à esquadra um ponto de apoio acima de Humaitá, essa passagem, a pedra an-

gular da defesa do Paraguai, que a arte, paciência, a previsão e a premeditação, aliada à natureza tinha feito um baluarte, reputado intransponível por autoridades inglesas, francesas e americanas. Esta passagem ia caber a Alvim, mas era preciso que a outro coubesse a morte ou a glória da empresa e o destino disso se encarregou. Houve também na substituição de Alvim, além de outros fatores pessoais que diziam respeito à nacionalidade, a dar crédito em cartas que tivemos às mãos e que chegaram às mãos de Alvim depois da passagem feita.

A chamado de Alvim para substituir o Chefe do Estado Maior da Esquadra, o que depois foi o barão de Angra que havia dado parte de doente, acumulando o comando da 2.^a Divisão da Esquadra com grandes louvores em ordem do dia parece ter escondido o propósito.

Coube a Alvim proteger a passagem dos monitores pela fortaleza de Curupaití e depois para a grande passagem. Enquanto isto reproduzia a imprensa de Buenos Aires as censuras feitas a Tamandaré que na época só dispunha de quatro encouraçados por não ter transposto Curupaití e Humaitá, o que não se havia feito, justamente porque, não lhe foi dado, como Caxias o fez, um ponto de apoio. Tanto assim pensava o brigadeiro general Mitre que no seu plano de campanha, escreveu: "Se a esquadra me pertencesse exclusivamente não trepidaria um momento em reiterar a ordem de forçar o passe a todo o transe até perder pelo menos dois terços dos encouraçados; perdendo, bem perdidos ficariam, pois, só assim se provaria com o único argumento, que a empresa era humanamente impossível, sendo certo que, se a esquadra não se prestar a forçar a posição de Humaitá para o que foi criada, não tem objetivo algum nesta guerra. Digo isto pelo que me diz respeito. Quanto ao almirante faz bem em preservar a esquadra se não está penetrado de igual convicção e crê que a empresa seria necessariamente de funestos resultados, como o marquês de Caxias faz bem apoiá-lo, deixando a oportunidade da execução ou a renúncia da empresa ao zelo, honra e valor de conhecidos do mesmo almirante, fundando-se na competência do seu voto enquanto não recebe instruções mais precisas de seu governo sobre o caso".

Combinada a passagem de Humaitá por uma Divisão de três encouraçados, dois dos quais construídos no nosso Arsenal, *Barroso* e *Tamandaré*, bem como os monitores *Pará*, *Rio Grande* e *Alagoas*. O *Baía* era de construção inglesa.

A 19 de fevereiro de 1868 dava a Marinha cabal resposta a Mitre e ao mundo, um exemplo.

É por todos sabido o épico daquela passagem que teve para completá-la o ter sido feita por um monitor desgarrado, sob o comando do então 1.º Tenente Mauriti.

Para dizer-vos o que foi aquela passagem vou buscar unicamente o que disse um gratuito inimigo nosso, compatriota de Thompson, auxiliar e conselheiro de Lopez, diretor do *Standart*, que se publicava em Buenos Aires, resgatando assim a sua mal querença.

Grande Vitória Naval. BATALHA DE HUMAITÁ.

— *Os canhões dos encouraçados brasileiros quando forçaram o passo de Humaitá ecoaram neste continente e se fizeram ouvir na Europa. Nenhum acontecimento de igual importância ocorreu nesta parte do mundo nesta geração, e para honra do pavilhão brasileiro é necessário que a vitória naval alcançada é a todos os respeitos digna de figurar a par das de Aboukir e de Trafalgar.*

“O Brasil pode bem usar-se de sua vitória, porque não só lhe dará o domínio completo do rio Paraguai mas deu ainda um dia de glória ao poder naval, que a posteridade há de venerar. O espírito de partido e o rancor político poderão procurar despir esta grande vitória naval da sua grandeza e atribuir o feliz resultado menos a bravura do marinheiro brasileiro do que à condição gasta e exausta do inimigo, mas sabemos de fonte insuspeita que os canhões da fortaleza fizeram fogo com rapidez incessante e que os efeitos terríveis dessa descarga medonha de artilharia pesada eram tais que a terra tremia em Itapirú, distante sete ou oito milhas de Humaitá, e que a água do rio arrebatava em ondas em suas margens.

“Isto prova que a artilharia de Humaitá estava bem guarnecida e que a despeito da grande demora, o inimigo estava bem preparado para disputar a passagem. Oficiais conhecidos das marinhas americana, inglesa e francesa que haviam visto Humaitá, examinando a posição e percorrendo as baterias concordaram unanimemente no seu grande poder.

“Há três anos que a maior esquadra que jamais sulcou essas águas tem estado ancorada fora do alcance dos canhões; a difficil navegação do rio; as voltas constantes do canal fazia crer a um povo que duvidava e talvez tinha zelos que a esquadra brasiliense nunca passaria Humaitá. O Brasil, porem, reenvindicou sua honra e estabeleceu uma reputação naval ante a qual o resto da América do Sul há de se curvar.

“A passagem de Humaitá é tambem um triunfo da ciência e recomendamos o fato à atenção dos officiais da Marinha inglesa; três encouraçados brasilienses, todos construidos na Inglaterra (enganou-se o escritor, pois unicamente o “Baia” o foi, os demais no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro), sustentaram durante 42 minutos o fogo de 180 canhões e pelo menos metade desse tempo foi em distância de fogo de pistola.

“Nada há anteriormente na história naval que iguale este feito; pelo contrario, os profissionais, depois da batalha de Lissa perderam a fé nos encouraçados; nós, porem, pensamos que a batalha de Humaitá estabeleceu para sempre a supremacia, e a Europa pode aprender com este combate. Nenhuma batalha na América do Norte, nem no mar alto pode ser comparada a este feito.

“Os navios tiveram que dobrar pontas de terra para ganhar o canal, e ai chegando achavam-se logo ao alcance do fogo das baterias que os varriam de proa à pôpa.

“Debaixo deste fogo tiveram de seguir e encostar-se à margem onde estava assentada a melhor artilharia da América do Sul para os crivar de balas; tiveram que na-

vegar quase à boca das peças, enfiadas de artilharia de 40, da margem oposta do rio.

“Obrigados a seguir uma pequena volta do canal, chegaram ao ponto onde se achavam as correntes que atravessavam o rio e as baterias dessas correntes na margem esquerda.

“As chapas de ferro estabeleceram a sua supremacia e ninguém o pode negar, quando se vê que três monitores não foram submergidos por este fogo.

“Nem devemos perder de vista a bravura dos oficiais e praças que afrontaram uma morte quase certa para o triunfo do seu pavilhão em uma hora dessas. Não, o comandante brasileiro mostrou-se o bravo dos bravos, ele e seus comandantes merecem as mais altas recompensas que o país pode dar.

“A fortaleza de Humaitá não é de construção recente. Foram precisos três anos para humilhá-la e dez vezes este tempo para construí-la. Os rendimentos de uma nação inteira, a riqueza de um país, auxiliados pelos melhores engenheiros da Europa. Tudo contribuiu para tornar Humaitá inexpugnável. Ninguém que viu a praça duvidou da sua força.

“O velho presidente Lopez tinha uma fé tão robusta na sua inexpugnabilidade que acreditava que se o próprio Xerxes atacasse o Paraguai não passaria Humaitá.

“Essa mesma confiança incutiu-se no povo paraguaio. A sua senha era Humaitá e talvez a idéia exagerada de sua força que tinha o Lopez atual, pode-se atribuir os erros políticos que, passo a passo, desviaram esse infeliz homem da política cautelosa de seu pai, para se arvorar campeão do equilíbrio do Rio da Prata.

“O Brasil com esta vitória abriu ao mundo a navegação do Paraguai. Poderá alguém duvidar da importância de um combate que deu resultados destes?

“É possível que os valentes paraguaios ainda se reunam em torno da bandeira de seu chefe até hoje invicto;

talvez nos cumes dos montes de sua pátria ainda se acendam fogueiras de sinal e que eles disputem palmo a palmo ao invasor o seu solo natal.

“Este povo extraordinário já deu provas de coragem e patriotismo que tem conquistado a admiração e o respeito dos seus próprios inimigos. Mas a bem da humanidade apelamos para a paz. O principal e grande fim da guerra está próximo. Humaitá e não Lopez era a verdadeira pedra de escândalo. A estupidez dos estadistas sul-americanos tolerou a sua construção; o sangue de milhares de homens desmoronou afinal os seus baluartes.

“Do ponto de vista político e moral a vitória é completa e se essa guerra tem custado milhões e torrentes de sangue esperamos que para o Rio da Prata e o Brasil haverá resultados que compensem”.

Muito cooperou Alvim para esse estrondoso feito.

Tendo adoecido o Almirante, já Barão de Inhauma, assumiu Alvim temporariamente o comando da esquadra em operações. Sob seu direto comando foram bombardeados Curupaití e Humaitá. A ele se deve ter impedido a fuga dos defensores desta última fortaleza. Devido a suas acertadas ordens, pensando a guarnição de Humaitá nos surpreender fora ela a burlada. Vieram os combates no Chaco. A história está aí para dizer o que foram e dos serviços prestados pela Marinha, às suas ordens. O municionamento do Exército e da Marinha, depois da passagem de Angustura a ele se deve.

Extenuado de tantas lutas e de tantos labores durante 4 anos e 4 meses, viu que não mais podia continuar, tanto mais que a luta estava no seu final.

Pelo mesmo motivo entregava o visconde de Inhauma o comando da esquadra ao Barão da Passagem, para vir morrer no Rio de Janeiro, poucos dias depois de seu regresso.

Foi Alvim promovido a Chefe de Esquadra, por decreto de 2 de dezembro e nomeado para membro do Conselho Naval. O mar o atraía, por isso foi nomeado comandante da 1.^a Divisão da Esquadra, no 1.^o Distrito Naval. Para Santa Catarina seguiu onde encontrou o seu revigoramento.

Nomeado para Encarregado do Quartel General da Armada, posto que exercera seu pai, desde logo começou a pôr em prática o que havia aprendido.

Alvim que possuía o título de moço fidalgo da casa imperial foi por decreto de 10 de julho agraciado com o título de Barão de Iguaçu. No sua gestão no Quartel General, quis pagar um tributo de consideração e simpatia aos indefetivos irmãos de trabalho, sempre prestimosos na condição de soldados — os marinheiros. — Foi ele o primeiro a lembrar-se do marinheiro-desconhecido. A 13 de dezembro de 1876, por uma subscrição por ele iniciada, foi levantado um monumento na fortaleza de Villegaignon com este fim, monumento este que as balas da política destruiu. Nele não foram esquecidos os nomes do general Salvador Maciel, quando gerindo a pasta da Marinha criou o Corpo de Marinheiros e do visconde de Cavalcanti, criador da 1.^a Escola de Aprendizes Marinheiros.

Muito havia ainda a fazer no Paraguai ao ser evacuado. Arrecadar, classificar e distribuir pelos arsenais de Ladário, do de Itaquí e do Rio de Janeiro o imenso material lá existente requeria pessoa de complexas qualidades. Foi escolhido Alvim, que de subida foi se inteirando do material existente nos depósitos. Em chegando ao Ladário, depois de ter posto tudo em ordem quer quanto ao serviço naval, quer quanto à escrituração, regressou.

Nomeado diretor da Escola de Marinha, teve que ir ao Paraná afim de examinar a barra daquele porto e escolha do melhor porto para a estrada de ferro a construir-se.

Deixou Alvim nomeada na Escola de Marinha, onde pela instrução, disciplina e preceitos sociais, deu-lhe outro fulgor.

Como diretor não transigia com o dever; respeitava e impunha obediência à lei, mas não resistia, entretanto, aos impulsos generosos do seu coração. À sua custa para galardoar alunos que com maior distinção houvessem concluído o curso, instituía prêmios.

Modificou o Regulamento da Escola, cheio então de confusões.

Conta-se que durante um período de férias, apresentou-se-lhe, um bacharel, vindo do Maranhão, com uma portaria do ministro da Marinha, nomeando-o lente daquela Escola. Ao recebê-lo, e depois de lê-la, disse-lhe Alvim com aquela franqueza dura, que lhe era peculiar: *O Sr. é um ladrão da Nação. Como!?* disse-lhe, insultado,

o nomeado. *Sim, um homem que vai empenhar-se com o ministro para ser nomeado lente desta Escola, quando em férias e sem concurso, não mais faz do que furta à Nação. Diga ao Sr. ministro que não lhe dou posse. E se cá voltar irei me entender com S. M. o Imperador.*

O ministro mandou-o para o Colégio Naval, onde o conheci por algum tempo.

Promovido em dezembro de 1880 a Vice-Almirante e dois anos depois a Almirante Graduado, continuou na sua missão de educador. Inflexível consigo mesmo afrontava diariamente o rigor do tempo.

O esforço feito a bordo da *Beberibe*, em Cuevas principalmente e depois a bordo do encouraçado *Brasil*, cobrava-se do seu vigor de atleta. Qualificada sua moléstia como reumatismo pelas dores que sentia no braço direito, diagnosticou-a o ilustrado Dr. Pertence com uma aneurisma. Quando o Imperador, no fim do ano visitou a Escola, recebeu-o Alvim com a costumeira e risonha alegria, mas já não podia vestir inteiramente a farda tinha-a em parte sobre o hombro. Era tarde demais para ser operado.

E assim, meus Senhores, como vai desaparecer a monotônia e o tédio em que vos mantive por tanto tempo, graças à vossa gentil e reconhecida indulgência, não tardou o desaparecimento do astro de tão luminosa irradiação. Cercado de seus parentes, depois de beijar um netinho que muito amava, recomendou-se a Deus e caiu em uma modorna, no meio da qual perguntou ao seu irmão o coronel João Alvim: *Já se acabaram as guerras? Deixem-me dormir* e dormiu para sempre lembrado por aqueles que levam a repetir: **QUE REVIVER FATOS DE PASSADO GLORIOSO PARA QUE SE NÃO GASTEM E FIQUEM ESQUECIDOS NOS EMBATES E ESTRÉPITOS DA VIDA QUOTIDIANA É CUIDAR DO FUTURO. UMA NAÇÃO QUE PERDE SUAS VIRTUDES MILITARES FICA A MERCÊ DOS SEUS INIMIGOS. ELAS NÃO VICEJAM NA TENDA DO OPERÁRIO.**
